

# Pausa necessária para meditação

**GLOBO**

RAPHAEL DE ALMEIDA MAGALHÃES

Esta na hora de uma pausa para meditação. Para o Presidente, para a sua equipe econômica e para todos nós que, como eles, desejamos o bem do País. Uma pausa que exigirá modéstia, paciência para ouvir e tolerância com a crítica. Pois, afinal, o País está mergulhado no pior dos dois mundos — a cruel combinação da recessão com a constante elevação do custo de vida —, a famigerada estagflação.

Havia os que defendiam uma recessão aguda e rápida para abater a inflação. Sob o argumento de que não se acaba com a inflação sem se impor à população grandes sacrifícios. Não que a quisessem como um fim em si mesmo. Mas como um amargo remédio que todos deveríamos aceitar para nos livrarmos da inflação. Mas ela teria que ser rápida e exitosa.

Assim foi vendida, à direita como à esquerda, a tese da recessão necessária para acabar com a inflação. Como se estivéssemos, de verdade, enfiados numa escaldante explosão de demanda e com a economia trabalhando a pleno vapor. E inflação que se alimenta de excesso de demanda se cura pelo rígido controle da emissão e circulação de moeda. E, para controlá-la, bastaria segurar a mão do Estado que emitia moeda, a jorrão, para realizar gastos supérfluos, como desnecessários, sem contrapartida na sua receita tributária. Tudo se resumiria, assim, em promover o equilíbrio das contas públicas, a causa fundamental da emissão da moeda. Pois, suprimida a causa da inflação — o excesso de moeda em circulação decorrente do excesso de gasto público que fazia a demanda crescer —, cessaria a inflação.

Daí a reforma fiscal. Daí

a reforma administrativa. Daí o corte drástico no gasto público, de investimento como de custeio. Daí o programa de privatização. Maior receita tributária e despesas públicas contraídas significariam, como de resto significaram, superávit de caixa do Tesouro. Daí a presunção inicial do programa de estabilização de que a inflação cederia. E, se não cedeu, equilibradas as contas públicas, a culpa é dos agentes econômicos, vorazes como impatrióticos.

Como a inflação não cedia, veio o arrocho salarial, que o Presidente não queria. Nem ele nem a sua equipe econômica, com formação econômica de esquerda. Mas foram obrigados a fazê-lo. Não obstante, o tigre inflacionário continuou solto. Seguiram-se a liberação das importações para forçar pela concorrência a baixa dos preços. E, depois, mais aperto monetário, com os juros na estratosfera. Tudo agravando a recessão sem acabar com a inflação.

Insistir no mesmo remédio e agravar-lhe, apenas, a dose, não parece ser, nesta hora, uma medida correta. Cortar mais gastos públicos, suprimir mais empresas públicas, reforçar a ditadura da caixa única para nela incluir a caixa da previdência social, nada disto, como este ano está demonstrado, vai derrubar a inflação. Como, da mesma maneira, acentuar a recessão não vai ajudar. Como não dará resultados liberalizar, ainda mais, as exportações. Tudo isto contribuirá, ainda mais, para agravar a resistência da sociedade ao programa antiinflacionário.

O momento é, assim, de reavaliação do conteúdo do próprio programa. O que foi feito, infelizmente, não obstante as intenções patrióticas de seus autores, não passou pelo teste da vida. Acentuar, agora, o seu caráter ortodoxo conservador, de nada servirá. Pois, se não existe democracia à brasileira, como, de certa vez, com toda a propriedade disse o insigne Sobral Pinto, existe, de fato, uma inflação à brasileira, forjada ao jeito brasileiro, e que nenhuma doutrina de fora dará conta. Como tudo o que fizemos, até agora, de 1980 para cá, constitui eloquente exemplo.